

XII

A civilização do Occidente no tempo dos Argonautas

A civilização, que os Phenicios vieram encontrar em todos os povos liguricos, com os quaes a sua extraordinaria viagem os pôz em contacto, foi a que os archeologos chamam civilização do bronze.

É um facto, que ninguem será capaz de destruir.

Imagina-se que não póde entrar no nosso plano a revista minuciosa d'esta civilização celebre. Entendemos porém que o remate do nosso estudo exige que façamos sobre ella algumas considerações.

Começaremos pelos seus monumentos mais salientes; e não se extranhará que escolhamos de preferencia o nosso paiz, visto que o conhecemos um pouco e que, tendo ficado fóra do alcance dos homens do norte ¹, é de necessidade que a conqui-

¹ A unica gente d'esta raça, que antes da nossa era, pôz o pé no nosso paiz foram os Celtas, que se estabeleceram pelas

ta romana venha encontrar n'elle a velha civilisação ligurica na sua fórma mais pura.

*

Os principaes monumentos da civilisação pre-romana no nosso paiz são os Castros² e as memorias funerarias, mamôas cobrindo ora antas, ora antellas³.

Mas já quanto a estas memorias se levanta uma duvida. Na opinião de quasi todos os archeologos, os dolmens (antas) são propriedade d'um povo emigrante, anterior aos nossos arias, vindo tambem da Asia, como elles, mas empregando ainda a pedra polida, por desconhecer o uso dos metaes, portanto não árico. Seriam estes pre-arias que importa-

margens do rio Anas. As poucas tribus, que d'elles se destacaram, foram mais tarde habitar pelo Promontorio Nerio, atravessando a Lusitania, que antigamente, segundo Strabon, tinha por limite septentrional o Mar Cantabrico. A chegada dos Celtas ao Anas é posterior ao seculo VI, a. C., porque o periplo phenicio ainda aqui os não conhece. O primeiro escriptor que os menciona é Herodoto.

² Entre nós o nome mais generico, para designar as povoações pre-romanas do typo de Sabroso e da Citanía, é o de Castros, na linguagem do povo, Crastos. Porisso o empregamos.

³ Servimo-nos dos nomes populares. Mamôa, mamoinha, mamunha, etc., designa o cômodo de terra, que cobre as sepulturas. A anta é o mesmo que o dolmen dos archeologos. A antella é pouco mais ou menos o *cist* dos Inglezes; mas ás vezes entre nós as suas dimensões são respeitaveis. Ainda não encontramos anta nenhuma, de que podessemos dizer que não foi coberta por uma mamôa.

ram para o Occidente, entre outras cousas, a agricultura e a religiosidade, esta demonstrada pelo culto dos mortos, de que os dolmens são o principal documento ⁴.

Já na *Revista Scientifica*, do Atheneu do Porto, n.º 3, tivemos occasião de criticar esta doutrina, produzindo argumentos, que nos forçaram a concluir que os dolmens eram propriedade dos homens do bronze e que, supposto elles conhecessem muito bem os metaes, empregavam conjunctamente com elles armas e objectos de pedra polida.

O snr. Gabriel Mortillet replicou-nos que davamos uma exagerada importancia á emigração ariana ⁵. Não sabemos se o presente estudo deixa plenamente provado, que d'esta vez a justiça não está da parte do eminente sabio. Parece-nos que não póde demonstrar-se mais claramente do que o temos feito, como desde o seculo xv, pelo menos, todo o Occidente estava na mão dos arias e designadamente essa faixa do Occidente, onde tanto abundam os dolmens.

A admittirmos pois uma colonisação anterior, tínhamos de remontar para além do seculo xv. Havíamos de tambem admittir que a sua civilisação propria cessou com a chegada dos arias do bronze, cuja cultura superior á sua não podia deixar de lh'a escurecer inteiramente. Supponhamos porém que não; supponhamos que os dolmens ainda continuaram em uso, depois da dominação ligurica; em todo

⁴ Vid. G. Mortillet, *Le pre-historique*, pag. 603.

⁵ No periodico antropologico, *L'Homme*.

o caso, havíamos d'encontrar um maior numero de sepulturas d'estes segundos dominadores, indicando ritos funerarios differentes, diversas fórmãs, etc.

Ora não succede assim. Se no nosso paiz pômos de lado os dolmens e antellas, não sabemos que se encontre sepultura alguma de character archaico ⁶. Pelo contrario, dolmens e antellas são innumeraveis e nenhuma duvida ha que taes sepulturas subsistiram durante a epocha dos metaes, pois que até a telha romana se encontra em algumas d'ellas ⁷.

Que estes monumentos eram a ultima morada dos constructores dos Castros, que só os Ligures podem ser, não soffre contestação possivel ⁸. Adoptaram-n'os elles d'um povo anterior? Aqui está um factó, que corta pela raiz a questão, nos parece. Por Thucydides já vimos que no sul da Hispanha dominavam os Bascos, quando cerca do seculo xv

⁶ Exceptuando as grutas funerarias debaixo dos penedos, como a de Soalhões (Marco de Canavezes); mas, como ellas fornecem exactamente os mesmos objectos que as antas e antellas, temol-as como jazigos da mesma gente, e por abreviar apenas mencionaremos as duas primeiras, muito mais communs.

⁷ Por exemplo, na anta ainda completa de Gontinhães, na margem direita do rio Ancora. Factos identicos levaram o snr. Fergusson a negar a grande antiguidade dos dolmens.

⁸ Prova-o a posição das antas e das antellas nas proximidades dos Castros, ás vezes dentro das suas ultimas linhas de circumvallação; a identidade de gravuras nas lages dos Castros e nas que ficam proximas das mamôas, ás vezes, como as *covinhas* (fossettes), nas pedras das antas e antellas; a perfeita similhaça dos machados de pedra, achados nos Castros e nas mamôas, etc. Não será inutil dizer que as antas e antellas apparecem a par umas das outras.

os Ligures os expulsaram d'aquella região até o rio Sicanos. Os dolmens d'esta parte da península pertencem a um povo anterior aos Ligures? N'este caso deveriam pertencer aos Bascos; mas, segundo affirmam os entendidos, os Bascos não têm dolmens. Pertenceriam a um povo predecessor dos Bascos e que estes houvessem expulsado também? Tal hypothese é inadmissivel; porque os dolmens d'esta parte da Hispanha, como os outros de que fallamos acima, continuaram em uso durante a epocha dos metaes ⁹. Se pois elles não são propriedade dos Ligures de Thucydides, são propriedade d'um povo, que veio depois d'elles e que não pôde ter nada que ver com a civilisação da pedra polida.

E porque não hão de ellas ser dos Ligures? Ligures *pur sang* são os Cambrios e Irlandezes e é bem sabido que ainda hoje uns e outros ligam áquelles monumentos recordações historicas e mythicas ¹⁰. Esta particularidade em gente tão ciosa da sua pureza de raça e das tradições do seu passado não é altamente significativa?

Lembraremos ainda que em muitos dolmens se encontram certas gravuras, como circulos concentricos, espiraes, etc., que n'outras partes apparecem associadas com o swastika, e é impossivel des-

⁹ Vid. Gongora, *Antigüedades pre-historicas d'Andalucia*.

¹⁰ O snr. Hamard em Robiou, obra abaixo cit., pag. 96, observa que os dolmens da Europa se encontram principalmente nos paizes, onde se fallam linguas *celticas*, i. é, o cambrico, irlandez, etc. E põe esta questão: Se os dolmens não são dos Celtas (os nossos Ligures), de quem hão de ser?

conhecer que estas figuras compõem a ornamentação característica da civilização do bronze.

Diremos por ultimo que é mais que suspeita a coincidência da marcha e colonisação do mysterioso povo da pedra polida e a dos Ligures da corrente do Rheno. Como estes, aquella gente povoaria o littoral da direita do Rheno até o Baltico e o sul da Scandinavia, emquanto a onda principal desceria pela costa europêa até o sul da Hispanha, até o rio Sicanos, tendo deixado aqui e alli varias colonias, deixando-as tambem na Inglaterra e na Irlanda, onde não faltam dolmens ¹¹. Como se vê, o segundo emigrante seguiria o primeiro como a sombra segue o corpo; e para nós um dos emigrantes não passa d'um povo phantasma.

E vem a proposito perguntar: demonstrou alguém até hoje a realidade historica do povo da pedra polida? Que saibamos, não. A sua existencia é inferida apenas da circumstancia d'apparecerem cidades lacustres e dolmens, onde o metal falta e a pedra polida abunda. D'aqui a hypothese d'uma civilização, desconhecendo absolutamente os metaes, e, como consequencia, a d'um povo que a sustentou.

Mas quer-se affirmar com isso que no Occidente houve um periodo, em que só a pedra polida foi empregada, periodo que se distingue radicalmente do subsequente, o do bronze, em que a pedra polida foi proscripta, de sorte que os monumentos, a industria, emfim a civilização do primeiro pe-

¹¹ Vid. Fergusson, *Rude Stone monuments*, carta ao fim do livro.

riodo não póde confundir-se em nada com a do segundo? Nós podemos affimar que no nosso paiz esta theoria recebe formaes desmentidos em quasi todas, senão em todas as explorações archeologicas. A julgar pela nossa experiencia, até hoje nunca desmentida, devemos suppôr que não haverá entre nós anta, antella ou Castro, que deixe de fornecer ao explorador paciente armas e objectos de pedra polida, e, circumstancia para ser notada duas vezes, nos Castros, mesmo n'aquelles, onde a influencia romana é palpavel, machados de pedra polida encontram-se á flôr do sólo e algumas vezes dentro das habitações.

A conclusão, que temos sido obrigados a tirar, é que as armas e utensilios de pedra polida estiveram em uso entre nós até uma epocha relativamente moderna ¹².

A successão dos periodos da pedra polida, do bronze, etc., que em absoluto temos por exacta, não encontra applicação no nosso paiz. A pedra polida não fórma uma epocha distincta da dos metaes, pois que a vêmos empregada até tarde precisamente pelos povos arianos, que introduziram a metallurgia no Occidente.

Se os machados de pedra nos Castros nos dizem que, ou pela sua barateza, ou por qualquer motivo desconhecido, elles eram empregados a par das armas de bronze e de ferro, os objectos de pedra nas

¹² O mesmo facto se dá em quasi toda a Gallia occidental, segundo o snr. F. Rubiou, *Observations critiques sur l'archéologie dite préhistorique*, pag. 80.

sepulturas, pontas de setta, que ainda não achamos nos Castros, facas, etc., etc., suscitam-nos outras considerações.

Já dissemos que, além das antas e antellas, em que taes objectos apparecem, nenhuns outròs monumentos funerarios de character archaico podemos encontrar ainda. Que ellas são as sepulturas da gente do bronze, como os Castros foram as suas cidades, é a cousa mais certa d'este mundo; e, além das razões expostas para as attribuirmos aos emigrantes arianos, ha uma outra, que vem a proposito especificar agora. Nós não podemos acreditar que esta gente, distinguindo-se em toda a parte, onde apparece, pela religião do culto dos mortos, o não trouxesse já do seu berço, tanto no que respeita á fórma material das sepulturas ¹³, como principalmente aos ritos funerarios e ceremonial tradicionais. Suppôr que, chegando ao Occidente, ella trocasse os usos, em que foi creada, pelos d'um povo estrangeiro, e ainda para mais d'um povo muito inferior em civilisação, é, a nosso juizo, uma supposição inaceitavel de todo em todo.

¹³ A sepultura, coberta por uma mamôa, era uma fórma usual entre os velhos arias, que emigraram para o Industão. No *Rig-Veda* (secção VII, leit. V, hymno XIII, 13), lê-se: « J'amasse la Terre autour de toi; je forme ce tertre, pour que (les ossements) ne soient point blessés. Que les Pitris gardent cette tombe. Qu'Yama creuse ici ta demeure. » (Tradução de Langlois). Sabe-se que os dolmens não faltam na India. O snr. Mortillet suppõe que a antella é uma degeneração da anta. Nós consideramol-a apenas como uma sepultura mais modesta. Entre nós, já dissemos, uma e outra encontram-se a par, ás vezes formando um grupo, e contêm identicos objectos.

O que para nós significa a pedra polida nas sepulturas dos arias do Occidente é justamente a fidelidade ás velhas tradições, que podem muito bem remontar aos tempos, em que os metaes eram desconhecidos, mas que persistiram com a sua feição mais primitiva, e por isso mesmo que tiravam toda a santidade do passado mais remoto ¹⁴.

Sobre as causas, que na Europa occidental contribuíram para perpetuar aquellas tradições archaicas, diremos logo algumas palavras.

Toda esta discussão nos auctorisa, crêmos nós, a estabelecer as seguintes proposições:

Ninguem provou, nem provará nunca a realidade historica d'um povo, que antes dos arias importasse para o Occidente a agricultura ¹⁵ e o culto dos mortos, como elle se revela nos dolmens e monumentos da mesma especie;

A realidade historica da colonisação ariana no Occidente e o seu predominio desde o seculo xv são factos incontestaveis;

Não se encontrando no nosso paiz, onde a dominação árica é egualmente incontestavel, outras sepulturas senão os dolmens e monumentos congene-

¹⁴ É sabido que, mesmo entre os Romanos, os instrumentos de pedra eram usados em certas solemnidades. A razão era decididamente a mesma.

¹⁵ É de notar que os termos, concernentes á agricultura, entre os nossos occidentaes, são de proveniencia árica. A introdução da agricultura é attribuida aos conductores das colonias áricas — a Hu Gadarn entre os Cambrios, a Habis entre os Cyne-
tos, etc.

res, é de necessidade que taes monumentos pertençam, como os Castros, a estes dominadores;

Nos Castros a pedra polida não falta; nas sepulturas muito menos. A conclusão é que a pedra polida, já como arma, já como mobilia funeraria, era empregada pelos arias do Occidente, conjunctamente com os metaes;

Se vemos a pedra polida empregada até á epocha romana, a conclusão é ainda que, se a par dos metaes, os emigrantes arianos importaram a pedra polida, não abandonaram o seu uso senão muito tarde, provavelmente quando a influencia romana começou a actuar nos seus antigos costumes ¹⁶.

*

Promettemos atraz occupar-nos das causas, que contribuíram para perpetuar entre os Ligures do extremo Occidente as suas tradições archaicas. Mas antes d'isso cumpre relevar um facto, que nos parece ter passado muito despercebido. Quem comparar os objectos da industria do bronze encontrados nas palafitas da Suissa, ás quaes o snr. Gross attribue uma enorme antiguidade, com outros, a que possa fixar-se uma data relativamente moderna, fica

¹⁶ A antiguidade dos monumentos, inferida pela presença d'objectos de pedra que n'elles se encontram, tem tido muitos impugnadores. Entre elles distingue-se o snr. Chabas na obra já citada.

de certo impressionado com a quasi inalterabilidade das suas fôrmas e sobretudo da sua ornamentação. Quanto a esta, repete-se o mesmo caso com a ceramica. A ornamentação da louça da Citania, proveniente dos oleiros indigenas, encontra seus correspondentes na ceramica das cidades lacustres da Suissa, dos antigos tumulos da Italia, etc. O mesmo estylo ornamental apparece nos baixos relevos, que adornavam as construcções dos nossos Castros ¹⁷, a par dos circulos concentricos, espiraes, etc., que são frequentes nas lages d'estas povoações e fóra d'ellas, como o são em alguns dolmens d'outras regiões. Mais singular que tudo isto é que alguns themas ornamentaes usados na Citania acham outros similares em Mycenae ¹⁸.

O que pretendemos fazer sobresahir com estes exemplos é o quasi immobilismo da civilisação do bronze. Dir-se-hia o marasmo d'um povo decrepito, que jurou morrer abraçado ás tradições do seu passado, e esta atonia contrasta singularmente com a actividade, que vimos desenvolverem os emigrantes da noticia d'Argus e a que era de esperar de uma gente, que tão penosas marchas tinha feito em busca de uma nova patria.

Anda aqui com certeza uma causa mysteriosa, que pôde paralisar toda aquella actividade, produ-

¹⁷ Alguns d'elles assimelham-se extremamente aos « entrelaços » dos manuscritos irlandezes, que o snr, Unger, na *Revue Celtique*, n.º 1, pag. 9 e seg., queria attribuir a uma imitação d'ornatos romanos. Vê-se que não.

¹⁸ Vid. *Congrès international d'antropologie et d'archéologie préhistoriques, Compte rendu de la 9^{ème} session à Lisbonne*, pag. 653.

zindo um estacionamento pouco menos de completo.

Esta causa não é outra, a nosso vêr, senão a invasão celto-germanica. Recordemos a marcha dos invasores e os effeitos das suas conquistas, embora caíamos em repetições. Do seculo VII em diante começa a destruição total ou parcial dos Ligures. Destruídos ou expulsos de toda a direita do Rheno; expulsos d'uma parte da Belgica, escravizados na outra parte; escravizados na Gallia central; expulsos ou escravizados na parte oriental da Inglaterra, o mundo ligurico pôde dizer-se um mundo morto. O Rheno, o Rhodano, o Danubio, as grandes arterias, que elle animava com a sua vida, industria e commercio, e que estavam destinadas a pô-lo em comunicação com as civilizações mediterraneas, são agora dos barbaros, que não só dominam n'aquellas regiões, mas descem a fazer alarde da sua selvageria pelo Valle do Pó, pelo sul da Gallia, pelo Golfo Adriatico.

D'aquí outro infortunio para os antigos senhores do Occidente; porque, se até o seculo VII as civilizações do sul podiam ser attrahidas para o paiz dos « pios » Hyperboreus, deviam sentir por elle uma viva repulsão, desde que começaram a vêr enxurrar d'alli essas hordas, que na Italia aniquilavam a civilização etrusca, na Grecia atacavam os templos, violavam as mulheres moribundas, desprezavam os seus mortos, fossem ou não verdadeiras estas ultimas noticias ¹⁹.

¹⁹ Pausanias, x, 22.

Admire-se depois d'isto que a civilisação ligurica fique condemnada ao estacionamento mais completo. Nos paizes, onde não foi extincta, restam-lhe apenas as tradições do seu passado, a verdadeira rotina, porque todas as communicações lhe estão cortadas com os povos cultos, com essa corrente d'ideias, a que os Italianos e os Gregos deveram o que foram.

Vejamos a Gallia. Desde o Paiz dos Lagos até o Golfo Adriatico estende-se uma especie de muro tartaro, formado por dominadores celticos. Da foz do Pó á foz do Rhodano e para além d'ella a mesma cousa. Ainda assim as colonias gregas do sul da Gallia podiam fazer chegar aqui e alli algum tenue raio de luz; mas que luz podia chegar aos Ligures da zona occidental da Europa, da Inglaterra, da Irlanda, apenas visitados pelos mercadores phenicios, que se limitavam a exploral-os, escondendo-os aos olhos de todo o mundo, para evitar a concorrência d'outros especuladores ²⁰?

Aquí estão as razões, para nós obvias, porque os Romanos vieram encontrar no extremo Occidente uma civilisação, que bem podemos chamar fossilizada — a mesma todavia, em que elles e os Gregos haviam sido embalados, mas que se lhes figurava pouco menos de barbarie, por não perceberem as causas verdadeiras d'aquelle estacionamento.

O ritual funerario, de que ha pouco fallamos,

²⁰ Este facto é tão sabido, que escusamos de o comprovar com textos. Já os produzimos n'outros escriptos.

com os seus objectos de pedra polida, e que provavelmente só a influencia romana veio acabar, é, como tudo o mais, o resultado d'aquelle immobilismo e accusa sempre o apego ao passado, que entre os Ligures da Siluria resistiu á dominação romana, e entre os Irlandezes é o que sabemos ²¹.

E depois d'isto podemos confessar com mais afouteza, que estamos intimamente convencidos que por uma das nossas mamôas podemos fazer uma exacta ideia dos tumulos do Elpenor da Odyssea e do Idmon da Argonautica ²², como por qualquer das nossas Citanias podemos avaliar muito por perto o que seria a Cytaia d'Aetes ou a capital do reino d'Alcinôo.

*

A brusca interrupção, que soffreu a civilisação dos arias occidentaes, a paralysação a que ficou condemnada nos paizes, onde não foi de todo destruida, havia de forçosamente offerecer, seculos depois, enormes differenças, comparada com a civilisação dos Romanos e dos Gregos, ambos os quaes puderam conviver livremente com as nações mais cultas do mundo.

²¹ As aproximações que faz o snr. Sumner Maine entre os costumes dos Irlandezes e dos Indios não podem deixar de ser notadas aqui com insistencia.

²² Na convicção de que tanto a Odyssea, como Apollonio descrevem as sepulturas d'heroes gregos. Na *Iliada* (xxiii, 256 e seg.) Patroclo é sepultado debaixo d'uma mamôa.

Mas, se todos elles tiveram um mesmo berço, como affirmamos, e entraram na Europa com a mesma cultura material e moral, o que affirmamos tambem, não deveriam ainda assim faltar frisantes analogias em abono da sua antiga camaradagem.

Cumprê esclarecer este ponto, que é de capital importancia. Quando com a destruição de Carthago, senhora da chave do Atlantico, o extremo Occidente foi franqueado aos viajantes gregos, estes observadores curiosos começaram a descobrir nos barbaros das extremidades da terra usos e costumes seus, nomes ethnicos e pessoas da sua antiga historia e pretendiam explicar estas surpresas por colonias que para aqui haviam conduzido os seus heroes da guerra de Troia, desgarrados pelo Mediterraneo, como o famoso rei d'Ithaca ²³. A rudeza, em que viam decahidos estes compatriotas era um enigma que decifravam a seu modo — por uma degeneração devida á sociedade barbara, para o meio da qual os destinos os tinham trazido.

Estas observações não se applicavam a um ponto isolado do Occidente; estendiam-se de um modo notavel desde o sudoeste da Hispanha até á Inglaterra e á foz do Rheno, ao paiz dos Hyperboreus ²⁴.

E ácerca dos Hyperboreus é bem conhecida a celebre tradição, contada por Herodoto ²⁵. Estes po-

²³ Nos *Lusitanos*, pag. 16 e seg. e nota 46, reunimos as principaes passagens, allusivas a este assumpto.

²⁴ Entre ellas merecem especial menção as d'Hecateu Abderita, fragm. 2, ed. Didot.

²⁵ Herodoto, iv, 32 e seg.

vos, que como o seu nome está dizendo, habitavam no alto norte, vinham em tempos muito anteriores ao historiador, trazer as suas offerendas aos sanctuarios da Grecia; e, sendo verdadeiro o facto, claro é que uns devotos peregrinos que se arriscavam a tão larga viagem para prestar culto aos deuses de Dodona e de Delos, como faziam os Hyperboreus, não podem provar melhor o seu intimo parentesco com a gente que se estabeleceu na Grecia.

Ora o facto é com certeza verdadeiro. Nem as minuciosidades, com que Herodoto o historia, podem ser inventadas, nem o caminho, que a tradição fazia seguir a estes peregrinos, o póde ser tambem. Este caminho começava d'um ponto indeterminado do norte; chegando aos limites da Scythia e da Thracia inclinava para o poente e seguia depois até o fundo do Adriatico, d'onde continuava para Dodona ²⁶. Não é claramente o caminho do Rheno, Rhodano, Valle do Pó, etc. ²⁷?

Advirtamos que os Hyperboreus, que ainda no tempo d'Hesiodo eram povos considerados como historicos, conhecidos tambem por Homero, já no tempo d'Herodoto viviam apenas na tradição, porque as suas devoções tinham cessado; mas é bom advertir tambem que entre Hesiodo e Herodoto se

²⁶ Herodoto, iv, 33.

²⁷ Depois já se entende da descoberta do caminho pelo Rheno e Rhodano e a colonisação árica no valle do Pó. D'ahi para Dodona é preciso pensar na Grande Grecia e na probabilissima migração d'algumas tribus gregas, vindas da Grecia para a Italia, provavelmente costeando o Adriatico, —facto posterior á grande migração da noticia d'Argus. Comp. Pausanias, viii, 3.

tinha realiado a invasão celto-germanica, á qual attribuímos sem escrupulo a brusca suspensão d'aquellas peregrinações, que não haviam de auxiliar pouco a approximação dos arias do nascente e do poente, entre os quaes as tribus celticas se interpuzeram, occasionando o deploravel isolamento dos arias occidentaes.

Ha pois muito boas razões para acreditar que na colonisação árica do Occidente estavam representadas varias tribus, intimamente aparentadas com os Gregos, não sendo para admirar que conservassem esse ar de familia, que os viajantes gregos reconheciam francamente em taes e taes populações das extremidades da terra, apesar da sua pretendida degeneração ²⁸. Esta degeneração não era senão o estacionamento da velha civilisação do bronze, que os nossos observadores tinham abandonado ha muito, sem se lembrarem já que os seus famosos heroes da guerra de Troia pouca mais cultura possuíam, que os degenerados gregos do Occidente ²⁹.

A conquista da Gallia pelos Romanos denuncia-nos factos d'uma outra ordem. Cesar affirma muito positivamente que os deuses adorados na Celtica, os deuses do druidismo, eram os mesmos, que adoravam os Gregos e os Romanos ³⁰. É de vêr então

²⁸ Algumas populações da Gallecia vangloriavam-se da sua procedencia grega (Justino, XLIV, 3).

²⁹ Mas alguns, como Thucydides, I, 6, sabiam que muitos costumes, correntes entre os barbaros, o tinham sido igualmente entre os antigos gregos.

³⁰ Cesar, VI, 17.

que os deuses, adorados na Silúria, onde o druidismo dominava, eram também os mesmos do Pantheon greco-romano. O que Cesar não diz, mas o que está geralmente admittido ³¹, é que os nomes dos deuses da Celtica e da Silúria eram diferentes dos nomes, que os Romanos davam aos seus deuses; mas a mesma singularidade repete-se entre o Pantheon grego e romano, pois que, como se sabe, bem que por exemplo o Ares, a Athena, a Hera dos Gregos sejam na essencia as mesmas entidades, que o Marte, a Minerva, a Juno dos Romanos, linguisticamente os seus nomes nada têm de commum uns com os outros.

Herodoto dá-nos a explicação do enigma na seguinte passagem: « Por muito tempo se ignorou — diz elle — qual a origem, a fórma e a natureza de cada deus, se os deuses existiram sempre. A bem dizer, é d'hontem que o sabemos, porque eu penso que Homero e Hesiodo viveram apenas 400 annos antes de mim e foram elles os primeiros que nos seus versos expuzeram a theogonia, que fallaram dos sobrenomes dos deuses, do seu culto, funcções, etc. » ³²

O commentario a este texto é o que já lhe fizemos n'outra parte ³³. « Até epochas relativamente recentes, e com certeza ao tempo da separação dos Gregos e das tribus áricas que vieram estabelecer-se na Italia, os nomes dos deuses do mundo ariano

³¹ Entre outros por C. Robert, *Epigraphie gallo-romaine de la Moselle*, pag. v.

³² Herodoto, II, 52-3.

³³ *Revista de Guimarães*, anno 2.º, n.º 1.º

estavam ainda por fixar. O que havia já, pois vemos mais tarde na Grecia e na Italia as mesmas entidades com identicas attribuições, era tendencias polytheistas pronunciadas n'um determinado sentido, concepções antropomorphicas meio esboçadas, que para exigirem um nome proprio só esperavam o momento da sua incarnação n'uma fórmula concreta.»

Posto isto, tão bem se explica que os nomes dos deuses gregos se differencem dos dos romanos, como os d'estes dos da Gallia, os da Gallia dos da Sirluria, dos da Irlanda, dos da Hispanha ariana, e tanto mais que uma grande parte d'elles eram simples epithetos, que deviam variar, mesmo entre as tribus d'um mesmo povo. Quem de todo este variado onomastico quizesse concluir para a diversidade de religiões estava no mesmo caso, que se negasse as intimas affinidades da religião grega e romana.

Os escriptores antigos, que punham de parte os nomes, para attentarem nas attribuições dos deuses, nas suas legendas, na especie de culto que lhes era dado, só podem ser averbados de suspeitos pelos partidarios d'uma opinião systematica, que se sente contrariada pelo depoimento d'aquellas testemunhas.

Nós accitamos sem reservas a affirmativa de Cesar, e só nos espantaria que elle nos asseverasse o contrario. A religião da Celtica era essencialmente a mesma, que a dos arias da Italia, porque na Celtica, como vimos, a civilisação ligurica, e nomeadamente a sua religião, foi abraçada pelos Celtas conquistadores; continuou a ser a religião d'aquelle paiz, e os preceltas da Gallia central eram, como nos parece ter mostrado, da mesma familia que os Italiotas e educados nas mesmas crenças religiosas.

Sabido que na Siluria o druidismo era exactissimamente o mesmo que o da Celtica, escusa da prova que o Pantheon era o mesmo, salva a differença de nomes, que nada faz ao caso, pelo que acima dissemos.

Na Hispanha ariana, bastará consultar os antigos sobre o que elles dizem da Lusitania. O deus principal dos Lusitanos, conta Strabon, era Marte, Ares. Mas provavelmente, do mesmo modo que succedia na Gallia, o deus principal dos Lusitanos nem tinha o nome do Ares grego, nem o do Marte romano. Todavia taes eram as affinidades que com elles revelava, que ninguem hesitava na sua identificação. Quanto ás ceremonias do culto os Lusitanos faziam hecatombes *ritu græco* ³⁴.

Segundo as maiores probabilidades é a lingua dos Cambrios e suas parentes que estão destinadas a dar o significado de muitos nomes divinos, que as nossas inscripções contêm. Será essa mais uma prova em favor das opiniões que sustentamos n'este trabalho; e não deixaremos de lembrar que o nome do deus Bormanico, de Vizella, já as confirma pelo seu lado, pois que é sabido que este mesmo deus tinha um culto na Gallia e na Liguria ³⁵.

É a esta identidade de crenças religiosas que nós attribuímos uma das causas da rapida romanisação

³⁴ Strabon, III, III, 7. Na adivinhação pelo vôo das aves, pelos fogos celestes, pelas entranhas das victimas, eram eminentes os Gallegos, segundo S. Italico.

³⁵ Vid. na *Revista de Guimarães*, numero citado acima, o nosso artigo, intitulado *O deus Bormanico*. A vulgarisação d'este nome é tão excepcional, como o de Circe nos antigos tempos.

do mundo ligurico. Na Lusitania, como nas outras provincias do imperio, ao lado das aras aos deuses de nomes romanos levantam-se aras ³⁶ ainda mais numerosas aos deuses indigenas, o que prova que elles continuaram a fazer milagres, como d'antes, e viviam na melhor avença com os dos conquistadores, como inquilinos do mesmo Olympo. E tanto isso é assim, que, se os « barbaros » se prestavam a adorar os deuses romanos, os Romanos não punham duvida nenhuma em adorar os deuses barbaros ³⁷.

*

Como da falta de instituições druidicas na Hispanha e na Italia se podem tirar algumas objecções contra a identidade da religião dos arias occidentaes, faremos algumas observações no intuito de as prevenir.

O druidismo encontrava-se apenas na Celtica e Siluria e caracterisava-se por uma formidavel associação de padres, dispondo d'um enorme poder espirital. O facto em si d'esta associação é já o primeiro ponto digno de reflexão. Evidentemente ella presuppõe uma união quasi perfeita entre os diffe-

³⁶ Aras com inscripções, que não podem deixar de datar-se depois da influencia romana.

³⁷ Para citarmos um exemplo de casa, copiaremos a seguinte inscripção, hoje em Santo Thyrso: L. VALERIVS SILVANVS | MILES LEQ. VI. VICT | deo TVRIACO | v. S. L. M.

rentes povos, sobre os quaes a influencia dos druidas se estendia, e uma semelhante união é um phenomeno verdadeiramente extraordinario nos velhos arias da Europa. Na Grecia o pan-hellenismo foi sempre um sonho irrealisavel; na Italia o predominio dos Romanos sobre os outros Italiotas foi uma verdadeira conquista, effectuada por meio d'uma longa série de violencias, que provocaram protestos até á ultima hora; a desunião dos povos da Hispanha era quasi proverbial.

As causas eram sempre as mesmas nas tres regiões mencionadas e muito provavelmente as mesmas, que faziam com que os regulos, congregados deante de Troia, representando outros tantos principados independentes, recalcitravam continuamente contra o commandante em chefe, que por isso tinha o titulo de rei dos reis.

N'uma palavra, cada povo queria a sua autonomia; não fazia grande escrupulo em dominar o seu visinho, mas o que não queria era ser dominado ³⁸.

N'estas condições, é visto que, do mesmo modo que cada povo tinha um governo seu, havia de ter sanctuarios seus e padres seus e tão desligados uns dos outros como os chefes temporaes: uma associação sacerdotal, como a da Celtica e a da Siluria, era impossivel, nem tinha razão de ser. Mas precisamente a Celtica e a Siluria, nos tempos em que os

³⁸ Estas guerras de visinhos, vulgares na Grecia e na antiga Italia, não o eram menos na Hispanha, e é assim que se explica que todas as nossas povoações pre-romanas se achem em montes fortificados.

escriptores antigos nol-as mostram, vivem em condições muito diversas. A Celtica está dominada pelos barbaros, que alli se fixaram de vez. Se antes d'isso é muito de crêr que os povos liguricos, quando independentes, apresentassem o mesmo espectáculo, que todas as populações autonomas da Grecia, da Hispanha e da Italia antiga, depois da conquista celtica tudo havia de mudar.

Todas essas autonomias acabaram ; não ha competencias a pleitear, porque a rasoura da dominação estrangeira nivelou todas as populações subjugadas, fazendo-as escravas, e o que n'ellas deve predominar é o odio commum contra o inimigo commum, unindo-as assim por um dos mais poderosos laços conhecidos.

Na Siluria dá-se pouco mais ou menos o mesmo caso. A liga de todos os povos do poente da ilha é com certeza determinada pela invasão belga e pelo perigo que correm os Ligures insulares de soffrerem a mesma sorte, que os seus irmãos da Gallia.

N'este grande movimento de resistencia vê-se bem que foram os padres que desempenharam o primeiro papel ; porque, quando mais tarde a independencia d'aquelles povos foi ainda mais gravemente ameaçada pelos conquistadores romanos, são os padres que nós vemos á frente dos combatentes, animando-os em nome dos deuses e tornando indecisa por muito tempo a victoria das legiões inimigas ³⁹.

Dizia-se que o druidismo tinha nascido na Siluria

³⁹ Tacito, *Annaes*, XIV, 30.

e d'ahi se havia propagado para a Gallia ⁴⁰. E é bem possível. A liga dos povos silures e a associação dos seus padres; a organização da resistencia, dirigida de certo por estes no seu conflicto com os Belgas invasores, tinha dado tão bons resultados em favor da independencia dos Liguers insulares, que é muito natural a supposição de que o exemplo não ficasse perdido para os seus irmãos do continente.

Certo é que o druidismo, que só vemos na Siluria e na Celtica, o druidismo, como uma vasta associação sacerdotal — ponto de que especialmente tratamos agora — é devido em ambos os paizes a causas essencialmente identicas e que nos parece não poderem estar mais á vista.

Na Celtica apparece-nos elle modificado nos seus intuitos. Aqui não ha provas nenhuma de que se organisasse para alimentar uma resistencia ou uma revindicta contra os dominadores barbaros. Pelo contrario, a sua tactica devia consistir em convencer-os de que a esphera da sua acção era toda espiritual e não mirava senão a salvar a civilisação, os conhecimentos adquiridos, o respeito dos deuses etc. Se assim não fosse, não veriamos os conquistadores barbaros transgír com o sacerdocio indigena, a ponto de lhe confiarem a direcção suprema do paiz.

Agora, se como corpo sacerdotal levado a taes alturas, o druidismo se torna um factio excepcional no mundo ligurico — e as causas parece-nos tel-as apontado — como systema religioso, não vemos que grandes differenças elle offereça das outras religiões,

⁴⁰ Cesar, vi, 14.

correntes entre os velhos arias europeus. Já mostrámos que os deuses, a que sacrificavam os druidas eram na essencia os mesmos que os dos Gregos e Romanos etc.; as ceremonias do culto eram tambem as mesmas, sem duvida nenhuma. As differenças consistem no seu thesouro de doutrinas philosophicas e no seu dogma da chamada metempsychose? Mas é preciso estudar o druidismo nas noticias de Cesar e dos antigos e não nos documentos cambricos e outros, onde andam amalgamadas muitas ideias, posteriores ao druidismo de que nos estamos occupando.

O ensino druidico comprehendia o movimento dos astros, a immensidade do universo, a grandeza da terra, a natureza das cousas, a força e o poder dos deuses immortaes, diz Cesar — i. é, comprehendia os enigmas, que despertam a curiosidade do espirito humano, desde a aurora de todas as civilisações, e de que mais tarde se apoderam as escholas philosophicas, onde as ha, para os tratar segundo as suas especulações; e a nós o que muito nos espantaria é que os arias, que emigraram para a Europa, não trouxessem já comsigo esta philosophia rudimentar. Pouco nos admira tambem vê-la depois nas mãos do sacerdocio druidico, quasi conglobada com o ensino religioso. As especulações religiosas e philosophicas têm sempre o mesmo berço, e só mais tarde se separam, quando o livre exame rompe com o dogmatismo intransigente; mas, para dar-se este caso, é necessario um forte movimento intellectual, que de ordinario é provocado pelas civilisações estrangeiras, como mais que provavelmente succedeu na Grecia.

Na Celtica nada d'isso se podia dar. Como toda

a civilização do bronze, tudo o que é especulação religiosa e científica estacionou e o sacerdocio, o unico depositario dos conhecimentos adquiridos, transmittia-os aos seus neophytos, como dogmas immutaveis e venerandos, que ninguem com certeza se lembra de discutir.

Tal é a ideia que nós formamos da famosa sciencia dos druidas. Se duvidassemos ainda do seu archaismo, escutando aquelles que olham a instituição druidica como relativamente moderna e introduzida na Europa central não se sabe por que desconhecidos missionarios, bastaria attentarmos na pratica dos sacrificios humanos, ainda em pleno vigor no tempo de Cesar, para termos em pouca conta similhante opinião.

Os sacrificios humanos encontram-se em todas as religiões e nomeadamente em todos os povos arianos, Hindous, Persas, Gregos, Romanos, etc. ⁴¹ Esta atrocidade começa a desaparecer, quando o fanatismo religioso cede ás imposições da civilização. O druidismo com a persistencia dos sacrificios humanos, accusa por isso mais uma prova de que está inteiramente segregado de toda a corrente de ideias, que lograram abolil-os na Grecia e na Italia, e que, como em tudo o mais, ficou amarrado a quanto é tradicional.

Resta-nos fallar do dogma da *metempsychose*. Aqui está o que escreve Cesar: « Uma das suas prin-

⁴¹ No Ramayana, em Herodoto, Plutarcho, Lito-Livio, etc., encontram-se provas da nossa affirmativa para os quatro povos nomeados. Achamos inutil indicar as passagens respectivas.

cipaes crenças é que as almas não morrem, mas que passam d'uns corpos para outros.» A segunda parte d'este texto tem sido thema dos mais extraordinarios commentarios e nós remettemos o leitor para a excellente critica de Belloguet, que põe um côbro a todas aquellas phantasias. A pretendida metempsychose reduz-se á crença n'uma vida futura, como dizemos hoje: é a conclusão de Belloguet, que nós perfilhamos com toda a convicção.

Mas esta doutrina encontra-se apenas no druidismo e é desconhecida entre os outros arias europeus? A excepção faria reflectir. Que é porém o Inferno dos Gregos e dos Romanos, o Inferno, onde Ulysses e Eneas encontram as sombras dos mortos, com quem conversam largamente? Ulysses, quando entra no Inferno encontra lá Elpenor que deixára morto na ilha de Circe, e a unica cousa que o surprehende é que, tendo o seu amigo vindo a pé, chegasse alli primeiro que elle, que tinha vindo n'um navio.

Segundo um texto de Lucano ⁴², o mundo, para onde vão viver as almas, não era na doutrina druidica o mesmo que o das crenças romanas e gregas; e isso crêmos nós piamente, porque, como se deprehende d'algumas das nossas investigações, as idéas dos antigos Gregos, e por isso as dos Romanos, que em quasi tudo os seguiam, tinham sido n'este ponto perturbadas por influencias phenicias e talvez por credices egypcias; mas a verdade incontestavel é que entre uns e outros era um dogma

⁴² Lucano, *Pharsalia*, v, 449-53.

que a alma não acabava com o corpo, e este dogma tinham-n'o elles trazido com certeza do seu berço ariano ⁴³.

O que parece tambem fóra de duvida é que na Grecia, onde a sciencia sacerdotal mal se via a par das escolas philosophicas, a vida futura como dogma religioso não fez grande fortuna: os philosophos discutiam a immortalidade da alma, importando-se pouco com as opiniões dos padres. Tal não succederia certissimamente, se, como na Celtica, a sciencia religiosa e a philosophia fossem o monopolio do sacerdocio. Assim aqui o dogma da vida futura, longe de enfraquecer, como na Grecia e em Roma, que, repetimos, a imitou quanto pôde, tinha todas as razões para se desenvolver. Uma d'estas razões, se olhassemos apenas para a possibilidade da velhacaria dos druidas, era o seu proprio interesse: sabe-se o que vale este instrumento de dominação espiritual; mas é ainda nas condições especiaes da Celtica que nos parece deverem ser procuradas as causas da vitalidade de tal dogma, e do seu extraordinario desenvolvimento.

Se os barbaros do seculo vii, a. C., ficaram em face do druidismo, como os do seculo v da nossa era em face do christianismo, conforme pensa o snr. A. Bertrand e nós com elle, não é menos certo que os druidas haviam de ficar em face dos seus velhos religionarios, como os padres christãos em face dos seus fieis. É bem conhecido o queixume das populações christãs, escravizadas pelos dominadores germanicos, vivendo na miseria, emquanto

⁴³ Comp. o culto dos Pitris no *Rig-Veda*.

que aquelles pagãos, mettendo as egrejas a saque e desprezando todas as cousas divinas, folgavam na opulencia e nos prazeres. A resposta é conhecida tambem: era para uma outra vida que Deus reservava o premio aos que acreditavam n'elle e cumpriam os seus mandamentos, e eternas penas aos infieis, que desconheciam a sua omnipotencia.

Queixas identicas mal podiam deixar de ser feitas pelos Ligures escravizados contra os deuses nacionaes, cuja omnipotencia os druidas proclamavam tambem, e que todavia só pareciam reservar os seus beneficios para os conquistadores estrangeiros, que viviam na opulencia e nas grandezas, á custa da profunda miseria d'elles.

O que podiam responder os bons dos druidas a estas embaraçosas questões? A resposta não podia ser outra senão a dos padres christãos, e a porta de sahida estava meio aberta pela crença na vida d'além tumulo, que, como pensamos ter mostrado, era commum a todo o mundo ariano. Aperfeiçoar o dogma, dar-lhe relevo, phantasiar o que fosse necessario para contentar todas as exigencias dos seus fieis, não era só uma conveniencia do corpo sacerdotal; mesmo que fosse uma pura fraude, era muito justificavel; porque d'este modo o druidismo derramava enormes consolações por esse pobre mundo, que devia ter perdida toda a esperanza de reconquistar a sua passada grandeza, e cahiria na desesperação dos reprobos, se as illusões lhe não acudissem ⁴⁴.

⁴⁴ É de certo por esta face que o druidismo se approximava de tal sorte do christianismo, que Santo Agostinho (*De Civ. Dei*,

Concluindo: as objecções tiradas do druidismo convertem-se, no nosso entender, em outras tantas provas em favor da identidade da religião de todos os arias occidentaes, desde que consideramos as condições especialissimas, que deram causa ás suas manifestações mais características.

*

O que supomos ter-se dado no mundo religioso crêmos ter-se repetido no dominio linguistico. A lingua dos romanos propagou-se rapidamente pelo mundo ligurico, em virtude das suas affinidades com a lingua ahi corrente.

Sabemos que a opinião mais seguida sustenta o abandono das linguas nacionaes, devido ou ao pres-

viii, 9), chega a dizer dos druidas: « Eosque nobis propinquiores fatemur. »

Para completar a sua obra, não seria extranho que os druidas semeassem a promessa d'um libertador. Não ha noticias d'este messianismo na Gallia; mas vamos encontral-o na Hispanha, na Cantabria, onde menos se esperava. Quando Galba subiu ao throno, viu-se n'elle o libertador do mundo, prophetisado dous seculos antes por uma virgem cantabrica (Suetonio, *Galba*, ix); mas, dous seculos antes de Galba, a Hispanha era ainda independente. O noroeste da Hispanha foi talvez o refugio de muitos Ligures da Gallia e da Inglaterra. É d'algum d'estes paizes que vem o mysterioso messianismo dos Cantabros?

tigio da superior civilização romana, ou ás imposições do conquistador; mas parece signa nossa que ainda d'esta vez não podemos concordar com as opiniões correntes, e temos a dar as razões da nossa divergencia.

Se a adopção do latim pelos povos conquistados fosse motivada por aquellas causas, ou por quaesquer outras que se imagine, os resultados haviam de ser os mesmos nos paizes, onde a intensidade da civilização romana fosse a mesma. Ora não é isso o que nos ensina a experiencia. Os Bascos da Hispanha e da França foram tão influenciados pela civilização romana, como os chamados neo-latinos das duas regiões. No emtanto os Bascos conservaram a sua lingua nacional.

Na Belgica, que tão romanizada foi no norte como no sul, encontram-se duas linguas differentes; ao sul uma lingua romanica, ao norte, isto é, na parte d'onde os belgas expulsaram os povos pre-existentes, uma lingua teutonica.

Na Inglaterra a influencia romana nem obrigou as populações do poente, nem as do nascente a trocar as suas linguas nacionaes pela latina. Os Silures e Cambrios conservaram a sua, e dos Belgas o que se sabe é que, depois da retirada dos Romanos, se bandearam com os Saxões, para os quaes os chamava a affinidade de raça e provavelmente de lingua, e a lingua que fallam os seus representantes actuaes não é de certo uma herança dos Romanos.

Estes exemplos que poderíamos multiplicar, se sahissemos fóra da área que temos traçado ás nossas indagações, provam contra o abandono das linguas nacionaes. São excepções? Mas, se as procu-

rassemos por todo o Imperio, as excepções formariam a regra geral ⁴⁵.

Na parte do Occidente, de que tratamos, afóra o basco e a lingua germanica, não encontramos senão linguas romanicas; mas entre as duas hypotheses — as linguas romanicas implicam o abandono das linguas indigenas entre os povos, em que as vemos, ou são as suas antigas linguas transformadas sem violencia e graças ás estreitas affinidades que tinham com o latim — nós optamos sem hesitação pela segunda, porque ella nos dá a explicação natural do phenomeno da romanisação linguistica em taes povos, e da não romanisação em taes outros. Com respeito a estes ultimos, encontramos os Bascos e os Belgas do Norte. Ora entre o basco, ou euskara, e o latim ha differenças taes e tamanhas, que a transformação d'uma lingua na outra é absolutamente impossivel.

Os Belgas do norte fallam uma lingua germanica ⁴⁶, e, supposto as linguas germanica e a latina se-

⁴⁵ Isto escusa de prova. Basta olhar para a carta do antigo Imperio romano e vêr em que parte d'elle existem linguas romanicas.

⁴⁶ D'aqui nova prova a favor da origem germanica da lingua dos primitivos Belgas e portanto da dos Celtas, seus intimos parentes. Ninguem acredita de certo que os Belgas romanizados abandonassem a sua lingua nacional para adoptarem a latina, e á queda do Imperio abandonassem a latina, para adoptarem a dos Germanos barbaros. Com a persistencia da sua lingua propria, todos estes enigmas desaparecem. Se na Belgica do sul se falla uma lingua romanica, é que provavelmente ahi sempre dominou uma lingua ligurica, porque o forte da população o era

jam ambas arianas, entre ellas ha taes differenças, mesmo no vocabulario vulgar, que a sua transformação reciproca é tambem quasi impossivel.

Afóra o basco e o germanico, não ficam outras linguas no Occidente senão as dos Ligures, e o intimo parentesco dos Ligures com os Latinos e a primitiva identidade de crenças, de linguas, de costumes, pensamos tel-a demonstrado.

Assim n'umas partes a não romanisação das linguas coincide com a impossibilidade ou quasi impossibilidade da sua transformação na lingua dos Romanos; n'outras a romanisação faz-se n'um dominio linguistico, commum aos Latinos e a todos os Ligures ao tempo da sua colonisação no Occidente ⁴⁷.

Vê-se que, se nos afastamos da opinião mais geralmente recebida, não é sem motivos ponderosos.

Não nos alargamos n'este assumpto pelo simples capricho de sustentar uma discussão impertinente. É que a solução, que perfilhamos, tem para nós enorme importancia; dá-nos um novo subsidio para

tambem, d'onde concluimos que a região, d'onde Cesar nos conta que os Belgas expulsaram a população pre-existente, foi unicamente aquella, onde a lingua teutonica persiste, tambem porque toda ou a grande maioria da população era germanica.

⁴⁷ Os Cambrios conservaram a sua lingua, provavelmente por motivos um pouco parecidos aos que o snr. A. Hovelacque attribue á conservação da lingua dos Gregos. Se, como estes, não tinham grandes monumentos litterarios, tinham tradições vivissimas de mais d'um genero e um amor proprio, aliás louvavel, que nunca os abandonou.

podermos determinar a área occupada pelos povos liguricos, na epocha da dominação romana, verificar a sua vitalidade e extremal-os das outras nações, que lhes foram sempre extranhas. N'este nosso modo de vêr, os povos chamados neo-latinos não são creações artificiaes da civilisação romana, que lançaram fóra tudo o que tinham de seu, religião, lingua, costumes, tudo, ás avessas dos povos germanicos, que conservaram todas aquellas caracteristicas da sua individualidade; o que fizeram com relação á lingua foi o mesmo que fizeram com respeito á religião. Os deuses romanos foram admittidos e adorados ao lado dos deuses nacionaes, porque eram identicos; a lingua latina foi tomando pouco e pouco um logar proeminente, não pela destruição das linguas indigenas, mas porque ellas se alatinaram espontaneamente, deixem-nos dizer assim. A ascendencia da cultura romana, a sua litteratura, a mania da imitação de quanto era romano, sobretudo nas classes altas das provincias ⁴⁸, não haviam de contribuir pouco para apressar todas estas e outras transformações; mas é quasi certo que sem as affinidades de raça, genio, religião e lingua, nada d'isto se faria.

E não esqueça que a dominação romana, apesar das suas tyrannias, era um beneficio incalculavel para o mundo ligurico, póde dizer-se que era a sua resurreição. O primeiro beneficio, e esse bastava, foi desassombral-o do terror e oppressão dos Celtas

⁴⁸ Provada, entre outras cousas, pela adopção de nomes e appellidos romanos.

e dos Germanos e retardar alguns seculos o cataclysmo do seculo v. Quando Cesar entrou na Celtica, os Germanos, Suevos, commandados por Arioristo, ameaçavam já aquella região, e de certa epocha em diante um dos grandes cuidados da politica romana foi conter a avalanche germanica para lá do Rheno.

Durante estes poucos seculos é que se dá a resurreição de que fallamos. O mundo ligurico, ha tanto tempo segregado das civilisações progressivas, relaciona-se com ellas por intermedio dos Romanos, e romanisando-se avidamente, como fez ⁴⁹, e pelos motivos indicados, se não adquiriu uma unidade perfeita, adquiriu a bastante, para, não obstante os desastres da grande invasão do seculo v da nossa éra, poder reaparecer, constituindo nações tão semelhantes pela indole, instituições e lingua, que receberam o nome de neo-latinas.

Attribuir este espantoso phenomeno a outra coisa, que não seja a persistencia de raças e a intima affinidade de sentir e de pensar, tanto d'aquellas nações umas com as outras, como de todas ellas com a gente romana parece-nos que é voltar as costas á evidencia.

⁴⁹ Não se objecte com as guerras da independencia, como a da Gallia. Esta parece-nos ser o ultimo suspiro da dominação dos Celtas, n'aquelle paiz. Belloguet extranha que os druidas não intervissem n'ella. Lá teriam as suas razões. A brutalidade romana é indesculpavel; a rapacidade dos empregados do Imperio odiosa; mas os beneficios, que os povos conquistados receberam em troca, escurecem tudo isso.

Sobre a mais que probabilidade de que as linguas chamadas neo-latinas se propagaram apenas nos paizes onde dominavam linguas liguricas, chamaremos toda a attenção para a antiga toponymia do Occidente, que os entendidos affirmam poder ser decifrada pelo cambrico e linguas similhantes. Essa toponymia apparece-nos precisamente nos povos onde hoje se fallam as linguas romanicas ⁵⁰ e persiste ainda com pequenas modificações. Foi pois uma gente, intimamente aparentada com os Cambricos, possuindo uma lingua identica, quem primeiro regou com o seu suor essas terras, cujos montes, valles, rios, etc., etc. teve de baptisar com um nome proprio, e das quaes não pôde ser expulsa desde os mais remotos tempos até hoje, sem embargo das revoluções, por que passou.

*

Terminando este longo trabalho, tornaremos a accentuar bem alguns pontos, supposto nos pareça

⁵⁰ Isto não quer dizer que não appareça nos paizes, onde ellas se não fallam. Mas isso prova a favor da nossa these, de que os barbaros em geral não alteraram os nomes geographicos, mesmo nos territorios, que ficaram seus para sempre, na parte oriental da Inglaterra por exemplo. Não alteraram mesmo alguns ethnicos ligures. Os ethnicos tomam não poucas vezes o caracter de nomes geographicos. Se nos provam que o nome dos *Ædui*, dos *Arvernos*, etc. se explica pelo cambrico, irlandez, etc. o que concluimos é que esses nomes são pre-celticos. Assim do resto.

que o não ficaram pouco nos capitulos anteriores; d'este modo teremos direito a protestar duas vezes contra as falsas interpretações, de que as nossas affirmativas possam ser objecto:

Empregamos o nome de Ligures no sentido lato, em que o empregava a geographia phenico-grega, e principalmente para contrapôr este grande grupo ethnico ao grupo não menos numeroso dos homens do norte de Zeus, o dos Celto-germanos, ou melhor dos Germanos, de que os Celtas são um ramo. Seria pois uma impertinencia que alguém se lembrasse de os aferir pelo typo ligurico dos antropologistas que, com razão ou sem ella, é pintado bem pouco favoravelmente. A emigração dos arias para o Occidente (tomando os arias occidentaes como temos tomado, por synonymos de Ligures, sem desconhecemos que Celtas e Germanos pertencem á familia árica) não era certamente composta d'individuos, feitos todos n'um mesmo molde. Não haviam de faltar n'ella variedades de raça, mas o que certissimamente faltava eram representantes d'essa gigantesca raça do norte, que, se foi um *novum genus* para os Romanos, o foi do mesmo modo para todos os Ligures.

Acceitando muitas das conclusões de Belloguet, quando revindica para os Ligures a missão civilisadora que cumpriram no Occidente, separamo-nos completamente d'elle, desde que lhes nega uma procedencia ariana ⁵¹, a ponto de gratificar os Celtas com a sua lingua — questão, que, como vimos, o em-

⁵¹ O auctor da *Ethnogenie gauloise* quer que os Ligures tivessem passado do norte da Africa para a Europa e reproduz

baraçava extremamente, e que, como também vimos, não tem solução possível, senão a que lhe demos, provado como está que a velha toponymia do Occidente é anterior á apparição dos Celtas; que ella se encontra na Irlanda, onde não entraram Celtas; que, tendo os Celtas abraçado quasi em toda a parte a civilisação ligurica, por não terem nenhuma, é um contrasenso admittir que impozessem a sua lingua barbara a povos muito mais cultos; não sendo para desprezar o exemplo do que succedeu no seculo v da nossa éra com a invasão germanica, muito mais extensa e intensa que a celtica.

Sustentando a unidade da lingua dos Ligures, não queremos dizer que ella persistisse sempre a

com insistencia as observações, que se têm feito sobre o ar de familia entre os Bretões e os Kabylas, a perfeita similhaça dos monumentos megalithicos do norte da Africa e occidente da Europa, etc., mas toda a sua argumentação pôde ser aproveitada por quem quizer sustentar que os Kabylas são Ligures que passaram da Europa para a Africa, tanto pelo estreito de Gibraltar, como transpondo o Mediterraneo, da Sicilia para a costa libyca. Os dolmens do norte da Africa acham-se pouco mais ou menos entre estes dous meridianos. Uma dama de Galles, segundo se lê na *Celtica* de Diefenbach, entenderia com auxilio da sua lingua um Kabyla, que encontrou n'um bazar da Africa. A. Pictet descobria na Africa nomes geographicos, de physiognomia celtica (lêde, cambrica, irlandeza, etc.). Mais singular que tudo isto é a noticia que Diodoro Siculo (III, 66 e seg.) nos dá sobre os Atlantes e a sua religião. Para elle os Atlantes eram todos os povos sobre o Atlantico desde o Atlas até o Mar do Norte, e a religião de todos elles era quasi a mesma que a dos Phrygios. Não é uma affirmação vaga; Diodoro desenvolve longamente a sua mythologia.

| A conclusão é que mesmo n'este ponto a Africa é o « continente mysterioso ».

mesma em todo o Occidente, de sorte que, passados seculos, um Romano se podesse entender correntemente com um Silur, um Lusitano, ou mesmo um Ligur da Celtica. A linguagem — é bem sabido — tem uma vida progressiva, mas as suas evoluções não são automaticamente as mesmas, para que se creia que a lingua do Lacio e da Siluria, por exemplo, obedeceram ás mesmas mutações phoneticas e morphologicas; proferiam os mesmos vocabulos para exprimir certas ideias; para se estabelecer emfim que, ao cabo d'alguns seculos, ficaram tão semelhantes, como no dia da sua separação. Quantos dialectos havia na Grecia? quantos na Italia? O que basta para o nosso caso é que as linguas liguricas, italicas e gregas, possam ser agrupadas em virtude de caracteres, que as tornam intimamente aparentadas ⁵², sem que as linguas germanicas, e portanto a dos Celtas, possam ter direito a entrar n'aquelle grupo, apesar da sua communidade d'origem.

A differença dialectal das linguas liguricas póde mesmo ser anterior á chegada dos arias á Europa. É até o mais provavel. Porque todos os emigrantes sahiram d'um mesmo berço, não se segue que tenham vivido sempre n'um mesmo gremio e, sendo antes mais natural a hypothese contraria, a differença em questão é uma consequencia quasi infallivel da multiplicidade dos seus cantões, alguns talvez bem distantes dos outros. É pelo mesmo motivo que não admittimos a absoluta conformidade de costu-

⁵² E é isso o que estabelece Schleicher, embora chame celticas ás linguas, que chamamos liguricas. São sempre as dos Cambrios, Irlandezes, etc.

mes. Se por exemplo a archeologia nos provar que taes Ligures enterravam os seus mortos, taes outros os queimavam, etc., isso para nós nada vale, como argumento a favor da diversidade de civilizações. Entre os Romanos os dous processos eram conhecidos e usados. Usos e costumes particulares podem coexistir entre os componentes d'um pequeno grupo ethnico, sem surpresa para ninguem, que observe com attenção o que se passa no seu proprio paiz.

Mas, nas questões da natureza da nossa, semelhantes diferenças não podem ser levadas em conta. Desde que o systema religioso e linguistico é o mesmo, os monumentos os mesmos, os mesmos os productos da industria em todo o mundo ligurico, a sua unidade sob o influxo d'uma mesma civilização não pôde ser contestada.

Assim entendida, esta unidade é um facto, que se pôde seguir desde o seculo xv a. C. até aos nossos dias, através de todas as revoluções. Se a invasão celto-germanica do seculo vii a. C. expulsou os velhos arias d'uma grande parte da região do norte, para áquem d'estes limites a raça ligurica persistiu com todos os caracteres que a distinguiram sempre, apesar da catastrophe d'aquella invasão. Com o cataclysmo ainda mais temeroso do seculo v da nossa era, esse velho mundo parece ter acabado para sempre. Não é assim. Elle ahí está hoje formando nações autonomas dentro dos seus antigos limites, e em face dos homens do norte, que tambem desde o seculo vii a. C. como que estão condemnados a desaparecer mais cedo ou mais tarde, desde que ultrapassem certas e determinadas barreiras. A antropologia descobriu as leis, que regem este pheno-

meno, e mau é que alguns ethnographistas as não tenham bem presentes, quando se occupam do antigo mundo occidental.

Relegando os Celtas para o mundo germanico, poderemos ser accusados de desacatar um dogma ; mas é que realmente temos a convicção intima de que tal dogma se formou sem o influxo do Espirito Santo, e sem convocação dos theologos que mais competentes eram para illuminar o assumpto. Fal-lamos dos escriptores antigos. Se o que todos elles nos dizem deixa fóra de duvida, como deixa, que os Celtas tinham um typo absolutamente opposto ao dos homunculos do sul, de que os Silures de Tacito, os Cambrios actuaes, são representantes, parece-nos que dar o nome de Celtas aos Cambrios e aos homunculos do sul é uma mera phantasia, contra a qual os verdadeiros orthodoxos têm obrigação de protestar. Não se diga que a cousa não passa d'uma questão de nomes. Sel-o-ha para alguns ; mas certo é que ella tem dado em resultado o attribuir aos Celtas as antigas linguas dos arias pre-celtas, a sua civilisação material e moral, tornando-os legitimos possuidores de tudo isto n'uma massa informe de povos heterogeneos, obscuros, sem historia, sem lingua conhecida, sem tradições, sem nada, quando a verdade é exactamente o contrario. Da civilisação celtica é que se não sabe cousa nenhuma, porque nenhuns monumentos deixou, nem tinha que deixar ⁵³.

⁵³ Deixaria os *tumuli* da chamada epocha de ferro, de que falla o snr. A. Bertrand ? É possível ; mas n'isso quasi não vale a pena tocar.

Da sua lingua nada se sabe tambem; o que d'ella podiam ficar eram alguns nomes pessoases, alguns ethnicos, alguns vocabulos soltos, que só pelas linguas germanicas devem ser decifrados. Da sua religião nada ficou tambem; se ficasse, é muito de presumir que essas reliquias fornecessem algum capitulo mais á « Mythologia germanica », colleccionada por J. Grimm.

Separado assim o mundo pre-celtico, ligurico, do mundo celto-germanico, e bem comprovada a unidade originaria da civilisação do primeiro, o campo que elle offerece aos investigadores alarga-se consideravelmente e ha de pagar-lhes o trabalho, estamos certos d'isso, com surpresas do mais alto interesse, dando em terra com muitos preconceitos rotineiros. Permitta-se-nos que exemplifiquemos o asserto com uma especie d'allegação *pro domo sua*. Os nossos principaes monumentos archeologicos são, já o dissemos, os Castros e as mamóas. Cousa notavel! são os unicos que têm affrontado todas as revoluções dos seculos, como se só elles tivessem raizes profundas para nunca poderem desaparecer do nosso sólo. Pertencem com certeza á velha civilisação ligurica. A influencia romana veio acabar com tudo o que derivava d'aquella civilisação, de modo que o Lusitano ⁵⁴ despiu inteiramente o ho-

⁵⁴ Ha ainda hoje entre nós quem negue a nossa filiação dos Lusitanos, escudando-se de certo com as opiniões d'Alexandre Herculano. Os admiradores do grande historiador (e no numero d'elles nos contamos) fariam bem em deixar dormir em paz os argumentos *à razione*, com que taes opiniões foram sustentadas e que o seu auctor seria hoje o primeiro a renegar.

mem velho para se tornar um Romano, mais ou menos contrafeito? Estamos muito longe de o acreditar e já no terreno religioso encontramos uma prova em contrario. Conforme vimos atraz, com a influencia romana entrou entre nós o uso de gravar em lapides os votos feitos aos deuses. As aras dos deuses indigenas são numerosas. A religião nacional não acabou pois; continuou a subsistir e subsistiu a par da romana, porque o systema religioso era o mesmo, os deuses os mesmos, salva a differença de nomes, as legendas pias as mesmas ou quasi. D'aqui é licito inferir que essa grande massa de tradições populares, em que o paganismo respira por todos os poros, vem d'um fundo, commum aos Lusitanos e aos Romanos, e não é uma importação d'estes conquistadores. No mundo moral a revolução não podia ser profunda. Quanto á lingua já dissemos o que tinhamos a dizer.

Onde a revolução se presume radical foi no mundo social e politico. Mas que é das provas? Quando no seculo xii o nosso paiz recuperou a sua autonomia, apparece-nos com certas instituições, certas costumeiras, que não têm nada a vêr com os Romanos. D'onde veio isso? Viria dos Germanos do seculo v? dos Sarracenos do seculo viii? Mas, se se prova que taes instituições se não encontram, nem nos Germanos, nem nos Arabes, e que têm suas correspondentes nos Cambrios e Irlandezes, por exemplo, nenhuma duvida restaria de que ellas tinham affrontado os seculos e as revoluções, como esses arruinados Castros que as protegeram com os seus muros.

Descobertas d'esta especie não nos surpreenderiam nada. Muito mais sujeitas a uma rapida trans-

formação, que os phenomenos do mundo moral, politico e social, estão as tradições concernentes á ordem material. Seria pouco de extranhar, por exemplo, que a influencia romana proscresse para sempre a architectura rude e canhada, que encontrou aqui, a ornamentação quasi infantil dos seus edificios. Não succedeu assim. Na Cítania que perdurou até Constantino, a julgar por uma moeda d'este imperador lá encontrada, não faltam vestigios de industria romana; mas a architectura com a sua característica ornamentação é sempre a tradicional, e nós crêmos firmemente que em muitas das nossas antigas egrejas estas tradições artisticas atravessaram a dominação dos Romanos e as subsequentes ⁵⁵.

Estes exemplos, que, diga-se duas vezes, não miram a negar a importancia da influencia do povo-rei, bastam ao nosso proposito, que é indicar uma orientação bem determinada ao estudo das nossas origens e á interpretação dos monumentos de toda a especie, que nos restam do passado.

Se o podessemos conseguir, por bem pagos nos davamos d'um trabalho, que nos custou mais fadigas do que a maioria dos leitores talvez supponha.

⁵⁵ Vid. o nosso artigo na *Arte Portuguesa*, n.ºs 1 e 2: «Se antes dos Romanos houve uma arte entre nós». Sobre uma arte peculiar aos velhos arias europeus, vid. *Die anfänge der kunst in Griechenland*, por A. Milchhoefer.